

O Biscoito Maria

Eu não me lembro bem, mas devia ter uns 6 ou 7 anos e, todos os dias, na frente do prédio onde morava, um senhor era trazido em sua cadeira de rodas. A cuidadora descia com o senhor e o deixava no canto da entrada do prédio, para não atrapalhar a passagem. Deixava-o ali, sozinho e ia conversar com o porteiro, as babás e outras cuidadoras.

O velhinho ali ficava pegando o sol da manhã, com seu olhar perdido, comendo um biscoito de bebendo água de garrafa térmica. Ninguém falava com ele, apenas protocolares bons dias pelos que entravam ou saíam do edifício.

Um dia resolvi me aproximar e conversar com ele. Dei bom dia e ele abriu um sorriso, respondeu e imediatamente me ofereceu um biscoito. Era um biscoito Maria, que eu amava, não resisti e prontamente aceitei. Percebi que ele ficou feliz e perguntou: “Você também gosta de biscoito Maria né?” E eu respondi: “Adoro”. Percebi que humor dele mudou, olhou diretamente para mim, esperando que seguisse a conversa.

Eu via aquele senhor todos os dias ali, sozinho, sem nem ao menos a cuidadora a lhe cuidar. Minha curiosidade de criança fez com que fizesse um monte de perguntas. Queria saber seu nome, por que andava de cadeira de rodas, etc. O velhinho ficou entusiasmado, já que teria a oportunidade de conversar, mesmo que fosse apenas uma criança curiosa e louca por biscoito Maria.

Ali começou uma amizade e todos os dias eu acordava cedo, corria até a portaria para conversar com o velhinho e, claro, comer biscoito Maria. Seu Gervásio, era seu nome, um homem

inteligente, cheio de histórias para contar, cheio de vida, mesmo que a família parecia pensar o contrário.

O seu Gervásio, que eu chamava de vovô, tinha muita sabedoria, lúcido, mas estava ali, jogado numa cadeira de rodas, uma coberta sobre as pernas e um “manto” de invisibilidade sobre ele. Ninguém o enxergava.

Durante aquele ano inteiro conversei todos os dias com o vovô, sentado ao seu lado, ouvindo suas histórias e aprendendo lições que levaria para o resto de minha vida.

Um dia acordei apressado, atrasado mesmo para o encontro com o vovô e desci correndo para a portaria. Cheguei lá e o vovô não estava. Às vezes ele não descia para a portaria, por causa do seu estado de saúde. Eu sabia que ele acabava voltando. Senti, naquele dia, um vazio. Era diferente aquela ausência.

Passaram-se alguns dias e o vovô não mais apareceu. Descia todos os dias e perguntava pelo vovô e o porteiro dizia que ele estava muito doente. Fiquei triste.

Depois de toda espera naqueles dias, resolvi visitar o vovô no seu apartamento. Tomei coragem e fui. Toquei a campainha e a cuidadora atendeu. Ela já me conhecia e deixou eu entrar. Perguntei pelo vovô e ela apenas balançou a cabeça e apontou para o quarto. Fui correndo e vi o vovô deitado. Eu nunca tinha visto uma pessoa muito doente, um corpo quase sem vida, mas ainda consciente. Ele sentiu a minha presença, se virou e seus olhos tristes e vagos, quase apagados, se transformaram e brilharam. Estava já sem forças e com dificuldades de falar. Apontou para a mesinha de cabeceira e lá estava o pacote de biscoito Maria, fechado como que esperando eu chegar. Perguntei se podia abrir e ele com dificuldade disse: “É seu”.

Ele se virou e voltou a dormir e a cuidadora pediu que eu fosse embora. Peguei o pacote de biscoito e fui embora, com uma sensação estranha, algo que eu não sabia o que era. Era angústia, sensação de perda, de despedida.

Não deixaram mais eu visitar o vovô. Alguns dias depois soube que ele havia morrido. Fiquei triste, mas criança se recupera rápido e a vida seguiu.

Por algum tempo, ao passar pela portaria sempre olhava para o lado onde o vovô ficava, só que agora ele estava literalmente invisível. Deixou, apenas, as marcas das rodas da cadeira, que ainda persistiam no chão e no meu coração.

Sergio Silveira Serpa

Abril de 2025.